



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

Aos cuidados da Terra: medidas para prorrogar os fins.

Autoria: Laryssa Owsiany Ferreira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A crescente sacralização da natureza, a floresta entendida como um território espiritual e uma antropologia de mundos possíveis são inquietações que acompanham minhas pesquisas desde o mestrado. A produção de um imaginário social de natureza passível de ser protegida muitas vezes é capaz de acionar ideias de conservação para fins econômicos e políticos e de nutrir um ativismo engajado a partir da lógica dos cuidados paliativos. Os cuidados Paliativos são oferecidos para todo paciente que tenha uma doença fora de possibilidades de cura visando melhor qualidade de vida através da prevenção e alívio do sofrimento físico e psicológico imposto pela doença. Rachel Aisengart Menezes (2004) ao etnografar de forma magistral a busca pela boa morte ?humana? argumenta que o paliativista deve aderir ao ideário do morrer bem, visando um cuidado da totalidade ?bio-psico-social-espiritual? de seus pacientes. Neste caso, a Terra é um paciente mais-que-humano e a doença se inicia no momento em que ?os humanos deixam de apenas temer a catástrofe para se tornar a catástrofe?. Partindo do que meus interlocutores chamam de responsabilidades intelectuais e afetivas, me encontro no emaranhado de quatro grandes imersões realizadas em 2019. Três delas organizadas por membros do "GESTURING TOWARDS DECOLONIAL FUTURES" e a outra intitulada "Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida" mediada pro Ailton Krenak no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Uma frase do



filósofo Slavoj Žižek é constantemente repetida nos espaços por onde circulei em 2019 - ?a verdadeira coragem é admitir que a luz no fim do túnel é provavelmente o farol de um trem vindo de encontro a nós.? A recente pandemia de corona vírus oferece para meus interlocutores uma perfeita analogia com as mudanças climáticas. Utilizam de tal argumentação para afirmar que o momento em que se torna óbvio que as pessoas precisam tomar ações efetivas é o momento em que já é tarde demais para se tomar tais ações. É necessário aceitar a irreversibilidade dos e trabalhar com o que Walter Benjamin (1986) chamou de ?organização do pessimismo? para amenizar a consternação no corpo, na mente e na alma do ser Terra. Sendo assim, o objetivo é apresentar as inquietações que surgiram ao longo desse meu primeiro ano de doutorado, dialogando a partir de conceitos como regeneração, cura planetária, futuros decoloniais, práticas (espi)rituais capazes de prorrogar os fins.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: